

QUARTA-FEIRA
Lisboa-- 9 de Setembro--de 1930

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

24



sempre fixe

semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O telefone automatico

(Um precalço não previsto pela Companhia)



1
Passou o dia inteiro a folhear a lista com as instruções, e a estudar o código de sinais (sinal de marcar, de tocar, de impedido, de numero inacessível, etc. etc.)



2
Depois de tudo sabido, ficou com o indicador tão inchado de folhear, que não coube no orificio do marcador.



3
Visto que o dedo indicador "deve ser sempre empregado para girar o disco" (Vid. Fig. 2 da lista nº. 52) e "nunca um lapis para marcar" (rigorosamente proibido pela Companhia),



4
o feliz contemporaneo da Progresso só teve um recurso: marcar o numero com o indicador do pé-direito.



← A ponta escura indica a parte massiça da borracha.
Para evitar casos como este, o Sempre fixe inventou uma simples e prática dedeira de borracha adaptavel aos mais inchados dedos. Oferecemos á Companhia o modelo acima. *S. Valença*



Os ditos da semana



Carlos Sergio Mais um dos nossos que se foi.

O «Sempre Fixe», pela sua índole, não devia tocar em assuntos desta natureza, mas os homens que o fazem não podem esquecer que mais um camarada desaparece.

Na hora em que o desditoso rapaz, que tantas vezes animou este jornal com o seu brilhante espirito, entra na morte, com saudade evocamos algumas das belas paginas que aqui deixou, nas suas crônicas de sports.

Consolar-nos-hia que os nossos leitores, recordando-as, tivessem um instante de recolhimento pela memoria daquele que tantos momentos de bom humor lhes proporcionou.

Automatico Automaticamente tomamos o telefone e, automaticamente, começamos a fazer ligações. Ligamos para toda a parte, satisfeitos com nós mesmos, pelas belas provas de inteligencia que estavam dando. Experimentamos todas as estações, metemo-nos em todas as dificuldades e sempre nos saímos bem, muito pela nossa perspicacia, mas principalmente pela proficiencia com que os serviços foram montados.

E só agora, que tudo se faz com a nossa mão, começamos a compreender a mecanica daqueles aparelhos. Aquilo, afinal, é muito simples e parece-se imenso com uma campainha de porta, que a gente pucha na rua e toca dentro de casa.

Antigamente mandava-se puchar e as meninas é que puchavam, mas como quem tem boca não manda soprar, agora puchamos nós.

É mais rapido e evitam-se incomodos ás telefonistas que, desde sabado passado, nunca mais serão incomodadas.

Sombra Já se vê, que verão a valer, apanhou Lisboa descoberta. Não remontamos ás origens da cidade de Ulisses, falando de descoberta, mas simplesmente á falta de cobertura que se nota por toda a parte, em ruas, praças e jardins.

Já por mais de uma vez aqui fizemos as nossas queixas contra o mau habito de abater arvores que não faziam mal a ninguem e, antes pelo

contrario, beneficiavam toda a gente. Parece que adivinhavamos que o verão deste ano havia de ser, não de se lhe tirar, mas de se lhe pôr o chapéu, porque sem ele ninguem é capaz de sair á rua.

É agora aqui andamos nós encostados aos predios, aos automoveis, aos carros electricos, aos camiões, ás carroças e respectivas bestas, como quem, em deserto africano, anda a procura dum oasis para se refrigerar e escapar da morte certa por insolação.

Noutros tempos, nos saudosos tempos das formosissimas arvores do Rocio e da Praça dos Restauradores, muitas vezes desdenhámos de algumas pequenas e raquiticas arvo-

res que ainda não tinham tido tempo de crescer. Bem arrependidos estamos. Hoje tudo nos serve.

No Rocio já constitue uma consolação inefavel para quem espera carro, apanhar lugar junto dum poste dos electricos ou da columna dum candieiro da iluminação publica.

Ha pessoas que, tendo de ir da rua do Amparo para a calçada do Duque, passam horas á espera que os srs. Perry Vidal ou Chaby Pinheiro atravessem o Rocio, para aproveitar um bocadinho de sombra.

E outras ha que em vez de se deixarem derreter cá em cima, vão derreter se para debaixo do chão, onde já ha ca-

nalizações para todos os suores.

Emfim, todos procuram uma sombra, um lugar recolhido e abrigado onde se turtem aos ardentissimos raios do sol.

E até as pombas, na sua ignorancia crassa da historia e no desejo de encontrarem um abrigo, vão bater á porta do sr. D. Pedro IV, só por que tem ouvido dizer — pobres patetas—que ele é quarto.

90 contos e 4.000 anos Um processo ruidoso: escanhar um casamento não sabemos bem se porque a noiva tem 90 anos de idade ou 4.000 contos de dote.

É caso para dar que falar, para se arrastar pelos tribunais indefinidamente. Segundo a nossa opinião, que é sempre abalisada, aquilo não termina enquanto não se inverterem os papeis—enquanto a noiva não tiver 1.000 anos de idade e 90 contos de dote apenas.

O Perú As coisas continuam muito mexidas lá pelo Perú.

Descobriu-se agora que o movimento tem dois focos, o que parece causar espanto a muita gente.

Todavia... nada mais simples. Naturalmente compreenderam que um partido só não dava conta do recado a tempo e horas e meteram mais pessoal, porque é preciso não esquecer que o movimento tem de acabar antes do fim do ano, sabido como é que, no Natal, terminam todos os movimentos do Perú.

Um monumento Um telegrama do Vaticano ao «Diario de Noticias» diz o seguinte:

«O Osservatore Romano» publica um telegrama de Maiença, assinalando que a criação do monumento da libertação foi acolhida pelo protesto unanime das autoridades catolicas e dos fieis, que são de opinião que ele constitue uma ofensa ao pudor.»

Não conhecemos o monumento que a Santa Sé acaba de atirar para o Index, mas sempre gostavamos de saber o que seria que de tal forma entrou pelos olhos daquela gente e tanto a maguou.

MINISTRO DOS ESTRANGEIROS



O sr. oomandante Fernando Branco, ministro dos Estrangeiros, que acaba de tomar uma atitude energica contra a falsificação de vinhos portugueses no estrangeiro.

—Não nos estraguem o prestigio do «Port-Wine» nem do... carrasco!

TEATRO

«RETROZ PRETO...»



ALVES da Cunha desistiu de fazer o «Mata-Molros», naturalmente com receio de que o publico, tomando o papel ao vivo, não fôsse ao teatro.

Resultado:

Tem novamente que abrir a «Taberna» e encostar-se á porta «Paralítico», a vêr se assim o publico se convence que não ha só cinema em Portugal...

■■■■

DISSOLVEU-SE a Companhia do Variedades, fechando o teatro. Vai tudo descansar!

E o publico tambem, depois de ter dado o «Cavaquinho» pela ultima revista.

Vamos ter zarzuela? Com êste calor, até as espanholas são capazes de nos derreter...

■■■■

A ACTRIZ Palmira Bastos já não trabalha nesta epoca, na Companhia Alves da Cunha—dis-se. Dis-se e não se sabe porquê...

■■■■

COM esta mania do cinema, os honrosos artistas perderam a cabeça. Os que não são convidados, convidam-se que é uma maneira

de se tornarem lembrados, embora não aproveitados.

Vaidade, tudo vai...ade!

■■■■

FOI um acontecimento a escolha da actriz Dina Moreira para protagonista do «filme» «A Severa».

Havia muitas concorrentes, mas ela triunfou, nitidamente, satisfazendo por completo o juri.

E' caso para dizer:

Chegou, viu e venceu!

■■■■

AO que consta a actriz Palmira Bastos aparecerá, no inverno, á frente duma companhia, no teatro do Ginasio.

Se é como empresaria desde já lamentamos o seu destino.

■■■■

PREPARA-SE para seguir para Africa em «tourpée» o actor Almeida Cruz.

Esperamos que leve a «cruz» ao Calvario.

■■■■

NO Porto não funciona actualmente nenhum teatro.

O publico estará de luto?

O repertorio da futura epoca da Companhia Adelina-Abranches é constituído por peças portuguesas, espanholas, francesas, alemãs e italianas.

Isto é que é monopollo!

■■■■

O JOSE Climaco já tem constituído o corpo coral da sua Companhia.

Só lhe falta aparecer. Mas quando?

Já estamos cansados de esperar!...

■■■■

AS secções de teatro dos jornais até mesmo esta, por vezes, vem cheias de noticias de cinema.

Sinal dos tempos! Mau sinal!...

■■■■

AOS artistas do Avenida foram oferecidas ventoinhas para serem colocadas na sala.

Cuidado!

Não constipem o «menino»!...

■■■■

ANUNCIA-SE uma opereta popular, com o título «Senhora da Saúde».

Talvez ela faça o milagre de

curar o teatro dos males que êle enferma...

■■■■

O REPERTORIO do Amar em terras do Brasil, é todo cativo e bebível!

Trem-ço-saioio.

Água-Pé.

Pão de ló.

Provaram e gostaram, os brasileiros?!

■■■■

SOL e Dó. Anuncia-se esta revista para breve, rum dos teatros mais populares de Lisboa.

«Vamos lá vêr a «afinação».

■■■■

RAMADA Curto está no Cartaxo escrevendo uma peça, que se chama:

Sua Alteza.

Escuzado será dizer que o autor, socialista dos fixes, não deu a sua adesão a causa monarchica.

■■■■

E NAO se diz mais nada hoje, porque não ha assunto.

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



— Tu enganaste-me. Disseste-me que ias a África, para que eu julgasse que não ias lá — e, afinal, foste lá...

Gracia dos outros Leia amanhã

A casa do desemprego:
— Sou um fotógrafo sem trabalho. Pode ajudar-me com alguma coisa?
— Se eu for com... um enotativo.

No hotel:
O hóspede — Quantas vezes tens que chamar para que o senhor apareça?
O criado — Conforme: ontem chamou trinta vezes, hoje trinta e cinco!

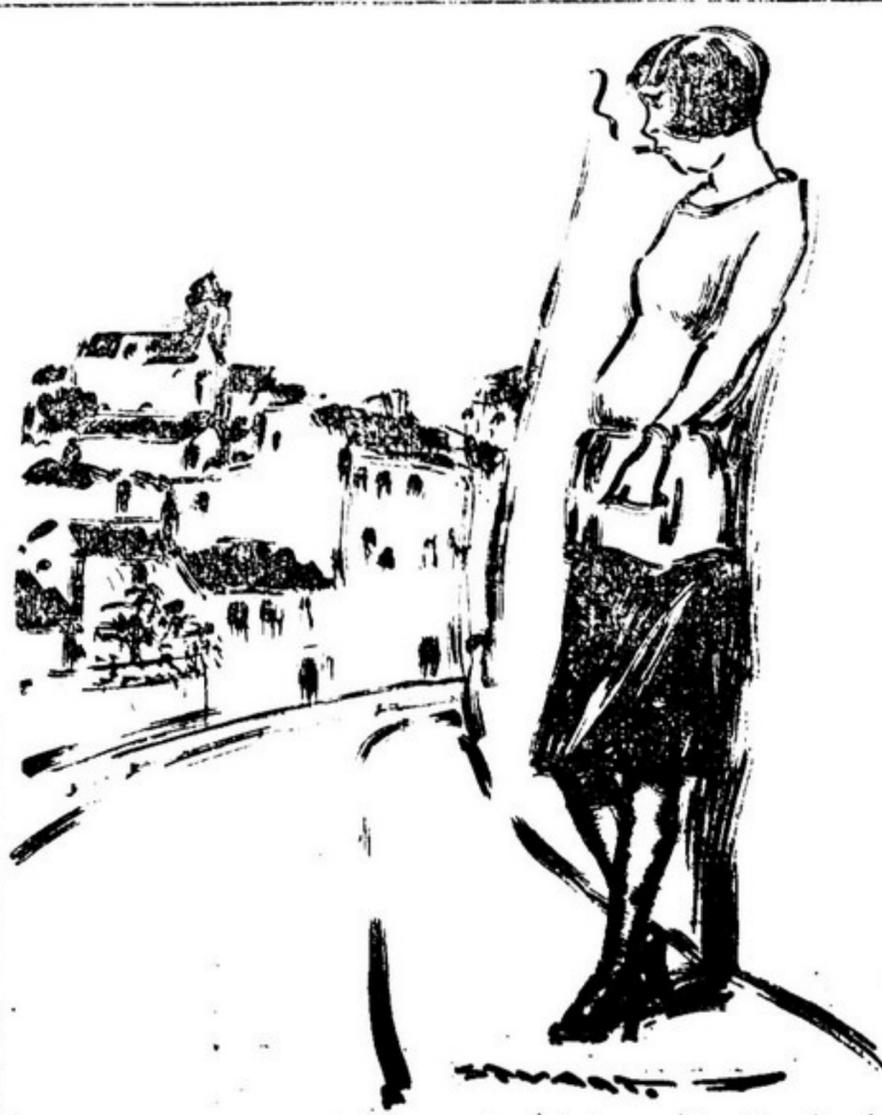
— Que te parece! Chamou-me velho idiota!
— Parece impossível! Mas tu que idade tens?...

Na praia:
— Meu rico benfeitor, se não me dá cinco tostões atiro-me ao mar.
— E para que queres cinco tostões?
Para aprender a nadar!

Num restaurante:
O freguês — Fazem um desconto a quem pertence a vossa classe?
O dono — O senhor é proprietário de restaurante?
O freguês — Não. Sou gatuno de profissão...

Num tribunal:
O juiz — Qual é a sua profissão?
O réu — Embalsamador de animais, para servir v. ex.ª

Na praia:
— O pobre pescador tem que comparecer perante o Juiz de Instrução!
— De Instrução? Para quê, se ele não sabe ler, nem escrever?!



Jantar... ou não jantar.

Um caso de sciencia

Se a historia que eu vou contar não é a pura de a verdade!... que se me parta o aparo ou entorne a tinta.

Não sei se conhecem o Leandro Leão. Eu conheço-o ha já uns milhares d'anos e pela vida fora até ele partir para a Africa fomos companheiros, na escola, nas praias onde passavamos o verão, no emprego e na penitenciaria, onde nos separámos, ele para ir para a Africa, eu para a rua, porque o meu delitto era pequeno. O Leão tinha mau génio, chegava mesmo a ser beçal e malcriado, excepto quando dormia, porque então era delicadissimo. Basta dizer-se que resonava sempre em voz baixa, para me não acordar. Se o virem na rua, decerto que o conhecem, a sua figura é exotica. Parece um texugo, tem uma cabeça de pescada, uns olhos de goraz, umas ventas de xarrete, tem uma boca de cherne e um linguado de alto lá com ele, usa barbas de balca e quando está escamado, é pior do que um cavalo marinho na mão dum policia secreto.

Fois, como ia dizendo, o Leandro foi para a Africa cumprir o resto da pena, quinze anos no degredo. Por lá se notabilizou e, como era quasi tão inteligente como eu, conseguiu tornar-se notado e cair nas boas graças do commandante do presidio. Tinha licença para sair e dedicou-se a caçar as feras. Foi um verdadeiro heroi, e tornou-se tão conhecido que as feras até já iam saiam de noite á rua com medo, a não ser acompanhadas pela familia. Os pobres dos animais andavam sobresaltados e davam um premio a fera que conseguisse caçar o Leandro, vivo ou morto. O meu querido amigo fez lá um verdadeiro successo e estenta ainda hoje como troféus as peles dos seguintes ani-

mais que matou, entre alguns milhares deles: A pele de uma onça de francês, de um tigre de bengala e de um leão de chapéu de chuva.

Um certo dia o Leandro regressa á Metropole, redimido da sua nodoa, que ele lavou com o castigo e que só em Africa esteve 15 anos a enxugar. Eu arranjei-lhe um emprego numa loja de cabedais e, á semelhança do que fez em Africa, conseguiu insinuar-se tão bem no patrão que algumas vezes foi jantar lá a casa.

Como é natural, o patrão tinha uma filha e o Leandro insinuando-se sempre, cativou tambem a filha, que se sentiu presa pelos encantos do nosso homem e, gostando muito de lhe ouvir contar historias de Africa, que elle lhe descrevia ocultando o motivo que lá o levou e dizendo que estivera lá 15 anos em missão do governo.

A insinuação foi tal que casou com a pequena, casamento que o patrão viu com bons olhos, porque via no genro um belo empregado e honestissimo. E era-o, de facto, porque elle nunca mais roubou coisa que se visse.

Grande casamento a que assisti, lua de mel em Benfica, uma verdadeira pandega. O Leandro era agora socio da casa e dirigia-a como se um pratico o sabe fazer.

Passa o tempo, e dez meses depois, aquella familia que era completamente feliz, não cabia em si de contente.

Porquê? Porque o Leandro: ir-se-ia para a sua mulher mãe, o sópro avô e eu padrinho. Alegria ruidosa e eis chegado o grande momento! E, num belo dia, nasce um garoto, lindo como os amores, gordinho, como o pai, mas... e aqui ha um mas... o miúdo era preto. Preto! Como podia isso ser, se o pai era branco, branco era a mãe, branco o avô, branca era a ama, se até o prédio onde habitavam tinha fachada pintada de branco?

Nunca ninguém o soabe, mas a pobre mãe quando viu o filho mais negro que o túnel do Rossio á meia noite, chorou, debulhou-se em lagrimas e só ponde murmurar entre dois soluços:

— Tambem, isto era de esperar, quem me mandou casa com um homem que esteve 15 anos em Africa?

FERNANDO D'AVILA.

Uma futurice

João Bernardes Baptista
E' um rapaz meu amigo,
Que tambem arma em artista,
E apesar de futurista
Passa ás vezes comigo.

Supondo-se genial,
Vive na suprema ancia
De ser muito original,
Mas o Baptista, afinal,
Descamba na extravagancia.

Indo nós a vadear,
Por uma noite tão quente
Que nem vinha sópro d'ar,
E em que andava imensa gente
Na Avenida a passear,

Solta o vate original,
Esta imagem de valôr:
— «Mas esta gente é tal qual
Como o nosso hemorroidal,
Que só sai quando se calêri...»

JOÃO FERNANDES

Uma vingança cruel

Naquela noite, como em todas as noites de ha três anos, a esta parte, que Epifanio Severo servia de encosto a um candieiro da rua de S. João dos Benicados, olhando embevecido para um quinto andar de um prédio de azulejo, que um acreditado senhorio, (se é que pode haver senhorios acreditados), se lembrou de mandar construir. O apaixonado Epifanio era dali que falava a sua namorada, uma especie de mulher que só tinha ossos, costureira especializada em passajar peúgas. Por estar na incomoda posição de canhão anti-aereo havia três anos, o nosso heroi andava mais direito do que se tivesse enfiado uma bengala de castão de prata, mas a posição seria o menos se a costureirinha a quem os pais, de combinação com um padre, resolveram chamar Deodata, não fosse mais leviana do que o livro do Sr. Antonio Ferro, e não aceitasse a corte de quantos excompires da nossa fauna de atradicos lhe apressassem. O Epifanio, coitado, arrebatava-se, bufava enfurecido, e deixava de se pendurar no candieiro, e tantas vezes isto acontecia que o lampião, quando o selvagem se lhe encostava, dizia logo para o seu colega de cima, piscando o lampadão:

— Já viste? o animalzinho não se calha hoje! se calhar o ossario do quinto andar já tem outro.

Mas, passados três dias, lá estava o infiel a gritar de novo para o quinto andar. E às vezes berrava para cima, que já não era o primeiro lampião electrico que se assustava e se arrullava.

Parto de tanta infidelidade, Epifanio Severo jurou uma vingança que marcasse entre os futuros maridos infelizes e para esse fim alucinou um terrivel rufião e propoz-lhe arrancar o coração pelas costas a pequena.

O fadista contratado era da cintura para cima o mais forte que existia daquela raça, mas da cintura para baixo era o mais medroso, pois tinha as pernas sempre a tremer, pelo abuso da maior riqueza do nosso país.

O profissional de assassino aceitou, mediante quinhentos escudos e uma entrada no Parque Mayer.

— Mas olhe que isto é com a condição de lhe arrancar o coração pelas costas, grunhia o Epifanio.

— Bem sei... Como fez o D. Pedro aos assassinos de D. Inês.

— Qual D. Pedro? O que é bandalheiro amador?

— Não, senhor.. O que foi rei..

Três dias depois o Epifanio esperava, como fôra combinado, pelo fadista. Este não se fez esperar, aparecendo com o coração que o terrivel quiz logo comer.

— Não faça isso, aconselhou o rufião; eu se fôsse ao senhor comia-o frito com batatas.

— Tem razão. E' o que vou fazer. E a perfida?

— Quem?

— A perfida, a infiel..

— Quem?

— A Deodata.

— Ah! Nunca me fale em francês. Pois a pequena lá ficou. Quando eu cheguei estava ela a lembrar uma peúgas e a falar com o namorado.

— Então o outro já lá vai a casa, e eu nunca passei do candieiro, — murmurou, desolado, o nosso Epifanio.

— Eu entrei... disse o fadista, continuando a historia..

— Eles deixaram-te entrar?

— Deixaram. Eu disse que pertencia ao Observatorio da Ajuda. E como aquél prédio era alto, via-

se melhor a Estrela, pedi licença para lá me deixarem estudar os astros...

— ... e acreditaram no que tu disseste?

— Pudera! Eu jurei pela saude de um pai que tive...

— E depois? gritou ancioso o Epifanio, danadinho para saber o resto da historia.

— Depois, quando ela estava de costas, meti-lhe o saca-rolhas e... záz! tirei-lhe o coração.

— E a aorta tambem tiraste?

— Quál horta? Tambem me tinha mandado arrancar alguma ma couve?

— A aorta é uma arteria.

— Ah! A arteria, percebe, a rua. Não valia a pena, é uma rua já antiga, com o pavimento estragado. E' uma arteria tão velha que mais parece um arterio-esclerose.

— Homem, não percebes. A arteria é uma veia.

— Ah!... roncou o fadista, que apesar de inteligente, de medicina só sabia fazer a operação á apendicite, com uma navalha de porta e mela. A veia não senhor, a veia não tirei.

— E ela não deu por isso? Não reparou que tu lhe arrancaste a coração?—arriscou o Epifanio, que queria saber o resto.

— Não reparou, porque estava distraida!..

— Então quando tu lhe tiraste as visceras ela não estava ao pé do namorado?

— Pois está claro que estava. Estava a enfiar uma agulha.

E o nosso desditoso amigo Epifanio Severo, lá foi para casa consultar o Manuel do Perfeito Cosinheiro, para ver qual a melhor maneira de cosinhar o coração, aquelle coração que nunca batera por ele, mas que havia de bater na frigideira, quando estivesse ao lume!...

MANOEL DUQUE.



Premio de consolação:

— Se ao menos ele enganasse as outras comigo!...

Leia amanhã



Elevador da Gloria

Na praia:

— Sabes quanto levam a cada um, para tomarmos banho?
— Pouca coisa...
— Sete escudos pelos fatos!
— Ah! Então só tomamos banho quando estivermos mais sujos...

Num antiquario:

O dono — Vê esta jarra? Parece que não vale nada. Pois tem dois mil anos!
O freguês — Dois mil anos! Como pode ser isso, se estamos em 1930?!

Convite á valsa:

— O idicta do Antunes nezou-me um cigarro! Nunca vi ninguém tão semitico e miseravel!
— Ah, amigo! Quanto lamento ter que te dizer que me pareço atrozmente com esse An'unes!

O perfumista — Vem buscar outro frasco de loção capilar?

O calvo — Não, senhor! Venho pedir-lhe que mande a minha casa um «camion» buscar os frascos vazios que lá tenho!...

— Se deixares de beber viverás até aos 80 anos!

— Já é muito tarde!
— Porquê?
— Porque já fiz 82 anos!...
Fabrico artigos de pr...lmeira necessidade: sou padeiro!
— Pois eu, de ultima necessidade: faço calções!...

— Os pescadores estão sempre em perigo, não é verdade?

— Eu passei oito dias e oito noites lutando com o mar, agarrado a uma tabua!
— E não morreu afogado?...



A pomba... e o milhafre.

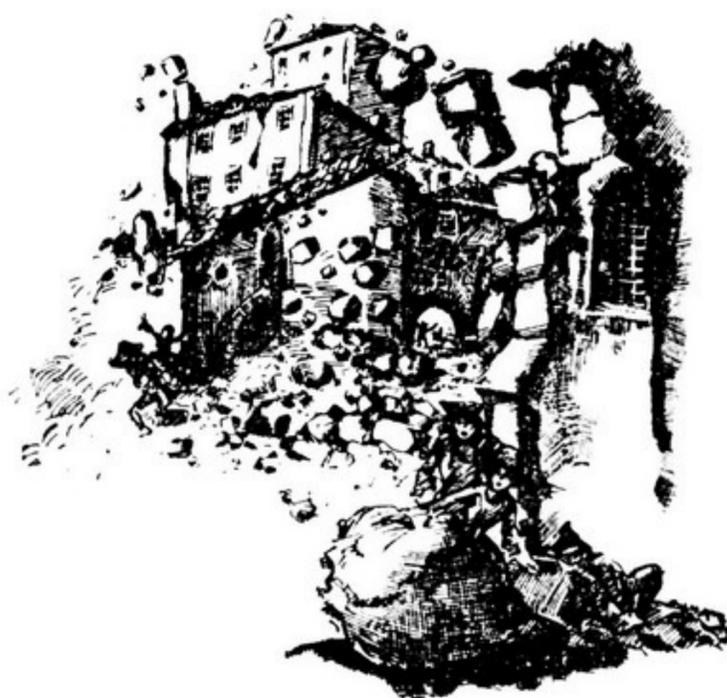
As decifrações do GRANDE CONCURSO das Figuras e Factos Nota- veis da Historia de Portugal

EPISODIO N.º 29



Ultimatum de Inglaterra

EPISODIO N.º 31



Terramoto de Lisboa

EPISODIO N.º 30



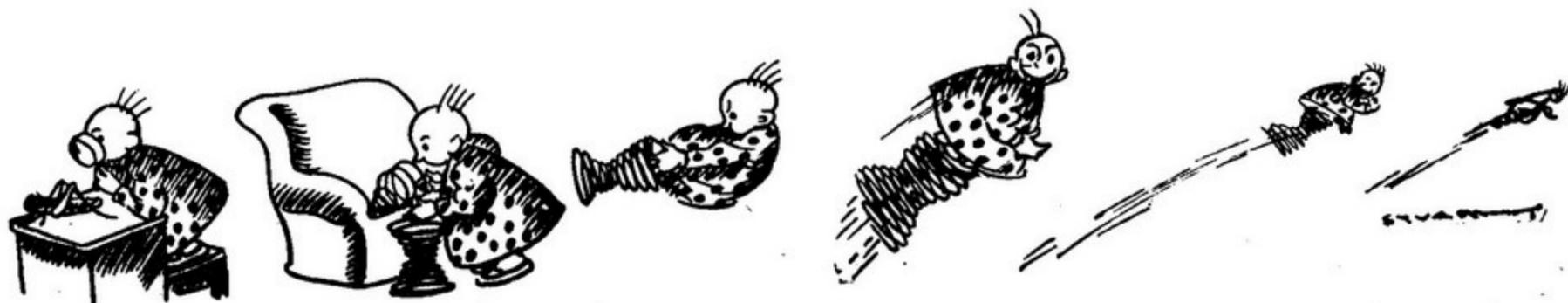
Batalha de Navas de Tolosa

EPISODIO N.º 32



Recontro de Alfarrobeira

O MANECAS-GAFANHOTO



DE POLO A POLO... AOS PULOS

UM INVENTO

Mais uma caixa do *Sempre Fixe*, em coçar coisas exquisitas. Nesta altura em que se faz a apreensão de tudo quanto féde a polvora, um conspicuo cidadão de Alguidares de Baixo acaba de inventar, piro-tecnicamente, uma bala que atingindo uma pessoa, lhe produz um sono de seis horas, menos duas á margem da lei das celebres oito de trabalho! E quatro, dão o sono de um dia. Por causa desta maravilhoso engenho já estamos a ver a reacção ultra-financeira, politica e economica a interpenetrar-se nos arsenais, a fim de armar-se até aos dentes, para ver se consegue adormecer de vez os burgueses credores, e liberais de todo o mundo.

Conhecemos uma mais que illustre senhora toda ancha com a invenção. E' que tendo morto já meia duzia de maridos, por meio da doença de sono, pensa agora utilizar-se da arma do parceiro de Alguidares, onde os tomates, nesta estação de calmaria, estão crescendo a olhos vistos... para dar cabo da esquadra do olho vermelho. Possivelmente, vencerá... vencerá como o dr. Raul Leal na *Sodona Divinisada*; como o dr. Alfredo Pimenta, no *Pipi de mamelle X*; como o Alfredo Franca na *Painleida*, pagina de verdadeira pintura, em que os alexandros se enrolam numa grande pintura com os pais de S. Vicente de fóra!

Ao a celeberrima e prodativa escriptora D. Mercedes Blasco já grita: *As armas!*... para adormecer os seus *homens*, já exgotados... E' para se vê como *Ela foi ama-*

... e todos os funcionários do Estado pensam em fazer, numa assembleia magna, a lei de adquirirem a famosa e almejada bala. Como o trabalho é muito jugoso, que o projectil, os fazenda um pouco dos seus afazeres diários...

E' toda a gente grita *As armas!*... enquanto que o inventor americano de Alguidares responde *A festa!* E' ele a unica pessoa, que não dorme, porque a *fazenda* está muito cara...

E o *Sempre Fixe*, que quer estar sempre de olho bem aberto, collocase nas fintas alegres de não dar ao gatilho da pistola soporifera, para que os seus leitores não adormecam com a prosa *embalada* do

IVINHO.

Quer a sorte grande?
Abilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

ESTORIL-TERMAS

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal — Banhos de agua do mar, quentes — Banhos carbo-gasosos — Duches — Irrigações — Pulverisações, etc.
Fisioterapia: Luz, calor, electricidade medica, Raios ultra-violetas, diatermia, magnetismo.

MACAGISTAS ESPECIALISADOS
CONSULTA MEDICA: 9 A'S 12
TELEFONE E. 72

Preço de assinatura

Continente e ilhas... { Ano: 26\$00
Semestre: 13\$00
Trimestre: 6\$50
Colonias portuguesas... { Semestre: 15\$00
Ano: 30\$00
Estrangeiro... { Ano: 34\$00

Sortes grandes?

só o PINA se vende
76 — Rua de S. Paulo — 77

DESSPORTOS

Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal



N.º 6

Tão alto! o povo a olhar
Quando ele entrava a jogar
o foot-bail por Belem.
Punha-se logo a dizer:
Que bem que ha de defender,
Como ha de jogar tão bem!

Depois aquele arganaças
Não quiz saber mais de graças
S' p'ra sempre abandonou
o foot-ball. E ora vêdes
o passado guarda-rêdes
Que ao tennis se dedicou.

Filho de peixe, é ditado
Muito popularizado,
Que tambem sabe nadar.
E se o pai é desportista
O filho nada e é tennista
Que dá gosto vêr jogar.

Ai se Vigo fôsse minha
Como é da galeguinha
Que maluquinho me traz
Na esperança do seu amor
Ao centro mandava pôr
O busto d'este rapaz.

ZE MARIA.

CACHAROLETE

Como não ha coisa boa
que a estes olhos escape,
li no «Diario de Lisboa»
o que lhe disse Chiappe.

O prefeito de Paris
fez o elogio subtil
da Costa do Sol que—diz—
é melhor do que Deauville.

Falou-lhe da capital
e mais da circulação,
de Ferreira do Amaral
e do teimoso peão.

E disse que inda virão
tempos em que as criancinhas
do automovel fugirão,
como os patos e as galinhas...

Como causas de maleitas,
apontou, com medos tetricos,
calçadas, ruas estreitas,
e as linhas dos electricos.

Mas o que eu tomei a peito
foi aquella indicação:
—E' «corso» o nosso prefeito,
... como o foi Napoleão!

Alguem, tocando-me o dorso,
disse, e com graça,—concordem—
—E' que esse e o outro corso
meteram Paris... na ordem..

Um principe português
—diz o «Diario» informador—
resolveu — e ja o fez —
praticar p'r'aviador.

Não é o caso banal,
mas nem assim eu me espanto,
pois, sendo um simples mortal,
ja tenho subido tanto.

que p'ra mim um avião
é um veiculo seguro,
(E quando enfia p'lo chão,
a gente nem vê se é duro...)

Que admira, minha querida,
a noçieia que divulgo
—se um principe vem para a vida,
p'ra estar mais alto que o vulgo?...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Destino fortuito

Já ha tempos levantado
No Largo do Corpo Santo,
Ha um recinto tapado
Indo da esquina a um canto,
Do lado sul encostado.

Pertença da Protectora
Que conta nobres anais,
Esta ideia salvadora
De bem querer aos animais
E' muito enternecedora.

E' rém, ninguem desconhece
Que poucos cavalos ha,
Por isso rir apetece
Vendo a gente o que lá está
Num local que não merece.

São carros que os condutores
Põem ali p'ra alugar,
E vendidos do calor,
Se vendo o hall n'os tejar
Os cavalos de moer.

ALEXANDRE DE GAMA

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

Rua de Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes



A V. faz bem a

CAFIASPIRINA

pois não só suprime instantaneamente a dôr, mas tambem anima e refresca sensivelmente. Não ataca o coração nem os rins.

Tambem a Cafiaspirina é um produto da acreditada casa **Bayet**



ECOS DA SEMANA



POR CAUSA DOS AUTOMATICOS TEM HAVIDO MUITAS AUTOMORTES - UNS POR SAUDADES DAS MENINAS, OUTROS POR SEREM OS AUTORES MATICOS DAS MÃS LIGAÇÕES

ANDAM COM GALINHA AS AMERICAS DO SUL POR CAUSA DO PERU QUE TEM DOENÇA CONTAGIOSA -



FORAM MUITOS OS PEDIDOS AO SNR. DA SERRA PARA QUE NÃO CONTINUE A SERRAR MAIS ARVORES NOS JARDINS, NEM A CERRAR O PORTÃO DO JARDIM DA ESCOLA -



O ESCULTOR ANTONIO DAS COSTAS LARGAS LANÇANDO UM "DIREPTO" A RAUL XAVIERDE NO PROXIMO COMBATE NA S. DEB ARTES - A RECEITA É A FAVOR DO MONUMENTO A' D LÊO NOR



MR CHIAPPE O DICTADOR DO TRANSITO EM PARIS TRANZITA NO ESTORIL - QUANTO A PREFEITO NÃO O É MAIS QUE O NOSSO PREFEITO SNR FERREIRA DO AMARAL

CARO TURISTA COM HOTEISCO MO ESTE E AS ESTRADAS CO MO ESTÃO DO DES VIR PAS SEAR AO MEU PORTUGAL

NÃO MAIS OSTENDE NÃO MAIS DEAUVILLE ANTES ESTORIL

